

## ESTUDO PRELIMINAR SOBRE A DEBUCALIZAÇÃO DE /S/ EM UMA COMUNIDADE DE FALA POTIGUAR

*Gabriel Sales\**  
*gabriel-sales@outlook.com*  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

---

**Resumo:** Este trabalho objetiva descrever os condicionamentos linguísticos e sociais da variação entre formas alveolares e glotais de fricativa pós-vocálica /S/ na fala da cidade de São José de Mipibu, localizada no estado brasileiro do Rio Grande do Norte. A análise é fundamentada nos pressupostos teóricos da Sociolinguística (Weinreich, Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]; 1994; 2001) e da Fonologia Autossegmental (Goldsmith, 1990), especificamente na Geometria de Traços (Clements; Hume, 1995). O conjunto de dados analisados é oriundo do projeto Descrição de Línguas Naturais – Português: formas variantes do arquifonema /S/ na fala dos potiguares. Dados de realizações alveolares e glotais de /S/ foram submetidos a modelos de regressão logística construídos na plataforma R, a fim de explicitar as variáveis mais produtivas para análise do fenômeno. Os resultados demonstraram que a articulação glotal é favorecida diante de segmentos com traço [+soante], em posição de sílaba tônica e em sílaba final de palavra diante de consoante (padrão /V\_\_#C/). Há, também, indícios de que a posteriorização pode ser mais produtiva na fala de indivíduos com mais baixos graus de escolarização, em conformidade com o que a literatura já identifica em outras comunidades.

**Palavras-chave:** debucalização; sociolinguística; fonologia.

### 1 Introdução

O processo fonético-fonológico de debucalização é descrito, pela perspectiva não linear da Fonologia Autossegmental (Goldsmith, 1990), como um movimento de perda de articulação oral de um segmento, representada, no modelo de Geometria de Traços de Clements e Hume (1995), pelo desligamento de seu nó de ponto. No Português Brasileiro (PB), esse processo afeta sobretudo o arquifonema /S/,

---

\* Doutorando e mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLEV/UFRJ), associado à linha de pesquisa Fonética, Fonologia, Prosódia e Morfologia do Português. Licenciado em Letras (Língua Portuguesa e Literaturas) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria Fonológica e em Sociolinguística, atuando principalmente nos seguintes temas: Linguística de Corpus, Atitudes Linguísticas e Descrição fonético-fonológica de variedades do português brasileiro.

resultando, foneticamente, em um segmento fricativo caracterizado predominantemente por seus traços laríngeos: [h, h]<sup>1</sup>.

Nesta pesquisa, analisamos tal fenômeno na fala da cidade de São José de Mipibu, parte da Região Metropolitana de Natal, capital do Rio Grande do Norte, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística (Weinreich, Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]; 1994; 2001). Interpretando a variação como intrínseca ao sistema linguístico, pretendemos descrever os condicionamentos estruturais e sociais que atuam sobre o fenômeno de debucalização de /S/ na fala mipibuense, além de comparar os fatores atuantes na comunidade focalizada com os resultados de pesquisas em outras áreas do Brasil.

A justificativa deste trabalho reside na ausência de descrições fonológicas que focalizem especificamente a debucalização em comunidades potiguares, à exceção do trabalho de Pessoa (1986). Em sua pesquisa sobre a fala de Natal, Pessoa identificou que, em ambiente interno à própria palavra – ['mehmʊ] 'mesmo' –, a realização aspirada só ocorre diante de nasais, atingindo o índice de 69% na competição com outras variantes nesse contexto. Por outro lado, em ambiente de junta – [dajh'nevis] 'das neves' –, o fenômeno foi manifestado diante de um amplo leque de segmentos, embora com percentual reduzido: 44% diante de nasais /m, n/ e 15% diante de consoantes orais sonoras /l, v, b, d/. À época da pesquisa, portanto, dois fatores estruturais pareciam ser predominantes para descrição do processo de debucalização: *consoante seguinte e ambiente (interno ou de junta)*.

Após a década de 1980, contudo, não são identificadas outras descrições específicas do fenômeno no RN. Os fatos linguísticos a que temos acesso são menções à produção aspirada nos atlas linguísticos regionais<sup>2</sup> já publicados. Silva (2012) registra, nas cartas fonéticas do *Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar*, a possibilidade de produção glotal do segmento fricativo nas palavras *desmaio* (8 a 25%) e *mesmo* (3 a 9%). As demais ocorrências de /S/ descritas são os contextos das palavras *fósforo* e *estrada*, em que são registradas, respectivamente, as realizações [Ø, s] e [s]. Por sua vez, Pereira (2007), no *Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar*, identifica somente as realizações [s, z, ʃ, ʒ] de /S/.

---

<sup>1</sup> Para simplificar a retomada dos segmentos fricativos glotais, fazemos menção, adiante, somente à forma [-voz], [h].

<sup>2</sup> Não citamos o *Atlas Linguístico do Brasil* – ALiB (Cardoso *et al.*, 2014), que registra produções das capitais brasileiras, por este apenas abordar, no que diz respeito a /S/, as variantes alveolar e palatal.

Pelas cartas dos atlas, portanto, a produção [h] parece ser limitada ao contexto /S/ + C<sub>[+nasal]</sub>, embora Pessoa (1986) já tivesse observado o contrário. O contato com a comunidade, no entanto, leva ao desenvolvimento da hipótese de que a debucalização parece ter avançado sobre os fatores estruturais descritos por Pessoa (1986), superando o ambiente intrapalavra limitado à presença de C<sub>[+nasal]</sub> e progredindo rumo a uma maior produtividade diante de consoante líquida.

As páginas adiante, em que verificamos a validade dessa hipótese, estão organizadas da seguinte maneira: na segunda seção, detalhamos os procedimentos metodológicos adotados neste estudo. Na terceira seção, apresentamos a análise e discutimos os resultados. Também nessa seção, retomamos os resultados de pesquisas anteriores sobre a debucalização, com finalidade de comparação dialetal, no que diz respeito aos grupos de fatores favorecedores do fenômeno. Por fim, na quinta seção, resumimos as conclusões da pesquisa e levantamos questões para uma agenda futura de investigações.

## 2 Metodologia

A amostra analisada foi coletada em 2018, no âmbito do projeto de iniciação científica *Descrição de línguas naturais – português: formas variantes do arquifonema /S/ na fala dos potiguares*<sup>3</sup>, desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) sob coordenação da prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Maria Cunha. O *corpus* compreende quatro entrevistas sociolinguísticas gravadas com informantes naturais de São José de Mipibu, cada uma com duração aproximada entre 20 e 30 minutos. A estratificação dos informantes é apresentada no Quadro 1.

Quadro 1: Estratificação da amostra

Escolaridade	Faixa etária	
	18 a 23 anos	47 a 55 anos
Ensino fundamental	-	1 homem e 1 mulher
Ensino superior	1 homem e 1 mulher	-

Fonte: elaborado pelo autor.

<sup>3</sup> Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRN, registrado sob CAAE número 04054818.9.0000.5537.

O quadro acima explicita que o *corpus* contém células sociais vazias, como repercussão do curto prazo formal para desenvolvimento do projeto. Uma vez que não há amostras públicas de fala do RN, não é possível, no momento de produção desta pesquisa, expandir o conjunto de dados analisado. Contudo, a constituição de um *corpus* público e representativo de fala espontânea do RN é um dos objetivos do projeto Amostra Linguística Potiguar (ALinP), parte da pesquisa de doutoramento do autor. O projeto está em estágio inicial, mas, findada a compilação do *corpus*, os resultados das análises aqui empreendidas poderão ser revistos e complementados.

Os dados da amostra com que lidamos foram antes explorados por Cunha e Sales (2020) para análise da variação entre realizações alveolares e palatais de /S/ na fala potiguar. Neste trabalho, então, o material é explorado pela segunda vez, agora com o objetivo de descrever os condicionamentos das alternâncias [s, z] ~ [h, ɦ] em coda silábica.

Partimos de um total de 390 dados de /S/, distribuídos entre produções alveolares e glotais. Realizamos a análise inferencial da amostra pelo método de regressão logística binária<sup>4</sup>, executada com a função *glm*, disponível no ambiente R (R Core Team, 2022). Para seleção do modelo estatístico, executamos regressões *stepwise* em ambas as direções. A variável dependente assumida na pesquisa é a realização de /S/, alveolar ou glotal, tomando a última como valor de aplicação. Já as variáveis independentes testadas, descritas no Quadro 2, foram selecionadas com base na literatura acerca do fenômeno em foco.

Quadro 2: Variáveis independentes da pesquisa

<i>Variável previsora</i> <sup>5</sup>	<i>Níveis</i>
1. Contexto subsequente [soante]	[+soante]   [-soante]
2. Contexto subsequente [voz]	[+ voz]   [-voz]
3. Valor morfológico de /S/	Morfológico   Não morfológico
4. Posição silábica	Final absoluta /V__#/   Final + C /V__#C/   Medial + C /V__\$C/
5. Contexto antecedente	[a]   [ã]   [e]   [ê]   [i]   [ĩ]   [j]   [o]   [õ]   [u]   [ũ]   [w]
6. Tonicidade	Sílaba tônica   Sílabas átonas

<sup>4</sup> Reforçamos que a limitação de dados a partir dos quais foi desenvolvida a análise estatística não autoriza a generalização dos resultados estatísticos a serem apresentados, mas permite um vislumbre de possíveis condicionamentos em atuação sobre o fenômeno.

<sup>5</sup> O *item lexical* não foi incluído como variável independente devido à limitação da amostra. Muitos itens, em nosso conjunto de dados, têm diferenças de frequência marcadas por pouquíssimas ocorrências a mais ou a menos. Desse modo, uma análise de frequências não permite derivar conclusões, mas deve ser incluída em estudos futuros com *corpora* mais amplos.

7. Nível educacional	Básico   Superior
8. Sexo	Feminino   Masculino

Fonte: elaborado pelo autor.

A organização de níveis assumidos para a variável *contexto subsequente [soante]* advém da baixa produtividade da especificação segmental. Como será discutido adiante, quando codificada por critério segmental ou por modo de articulação, essa variável foi substituída na regressão *stepwise* pelo próprio *software* estatístico, em detrimento da formalização apresentada no Quadro 2.

No tocante às variáveis extralinguísticas, o Quadro 2 não contempla a *faixa etária* dos indivíduos. A razão para isso está intimamente ligada ao preenchimento de células do Quadro 1, que estabelece multicolinearidade entre as variáveis *faixa etária* e *escolaridade*: ambas têm coincidência de células vazias e preenchidas, de modo que, no cálculo estatístico, não é possível estabelecer diferenciação entre elas. Apesar disso (e sem a pretensão de apresentar resultados definitivos), codificamos a *escolaridade* em nosso pacote de variação, uma vez que a literatura sugere uma correlação entre essa variável e o processo de debucalização na análise de outras comunidades (Auler, 1992). Em etapa posterior, contudo, o possível efeito da *faixa etária* poderá ser testado no já mencionado *corpus* ALinP, sob o viés do construto de *tempo aparente* e com efeito independente da *escolaridade*.

### 3 Análise e discussão dos resultados

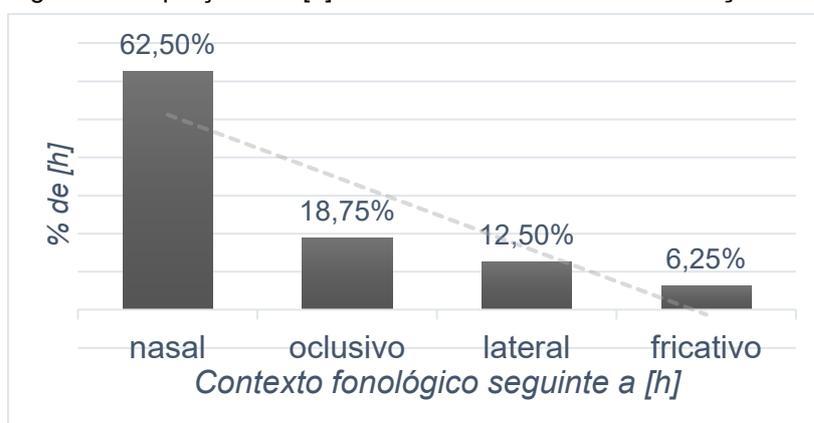
O conjunto de 390 dados coletados registra predominância de realizações alveolares, com 91,79% de ocorrência. Essa distribuição sugere que a realização glotal de /S/ é pouco produtiva na comunidade, mas a proporção apresentada pode também ser um reflexo da limitação quantitativa de dados. Nosso foco, adiante, recai sobre os 8,21%<sup>6</sup> de produções aspiradas, com o objetivo de derivar interpretações preliminares sobre seu encaixamento estrutural e social na comunidade investigada.

<sup>6</sup> Apesar da mencionada limitação quantitativa da amostra, a proporção de formas glotais está de acordo com os percentuais geralmente encontrados na literatura. Auler (1992) registra índices de 6,4 e 4,3% em duas amostras de fala do Rio de Janeiro/RJ. Dias da Silva (2014), por sua vez, registra proporção de 6% na fala de Vitória da Conquista/BA. Mota (2002) identifica 3 e 4% de debucalização em duas amostras de fala de Salvador/BA, ao passo em que Lucchesi (2009) reporta, em sua análise, 14% de ocorrência de [h] na mesma comunidade.

A análise de regressão logística realizada resultou no modelo de fórmula  $VD \sim \text{contexto subsequente [soante]} + \text{tonicidade} + \text{posição silábica} + \text{nível educacional}$ . Os resultados referentes a cada um dos previsores são apresentados, majoritariamente, em tabelas individuais. No entanto, salientamos que todas as variáveis independentes integram o mesmo modelo estatístico, fato explicitado pelo compartilhamento de estatísticas referentes ao *intercept*.

Iniciemos a discussão pelo predictor *contexto subsequente [soante]*. Em consonância com o que efetivamente ocorre em outras comunidades brasileiras, como a alagoana (Oliveira; Santos, 2020; Oliveira; Barbosa, 2021), a debucalização parece ser mais produtiva quando /S/ é seguido de consoantes [+nasal], como mostra a distribuição de dados exibida na Figura 1. Esse, porém, não é o único contexto em que a forma aspirada é registrada na fala mipibuense, contrastando com as cartas fonéticas de Silva (2012), em que o contexto /S/ + C<sub>[+nasal]</sub> é um único em que há registro de [h].

Figura 1: Proporções de [h] de acordo com *modo de articulação do segmento subsequente*

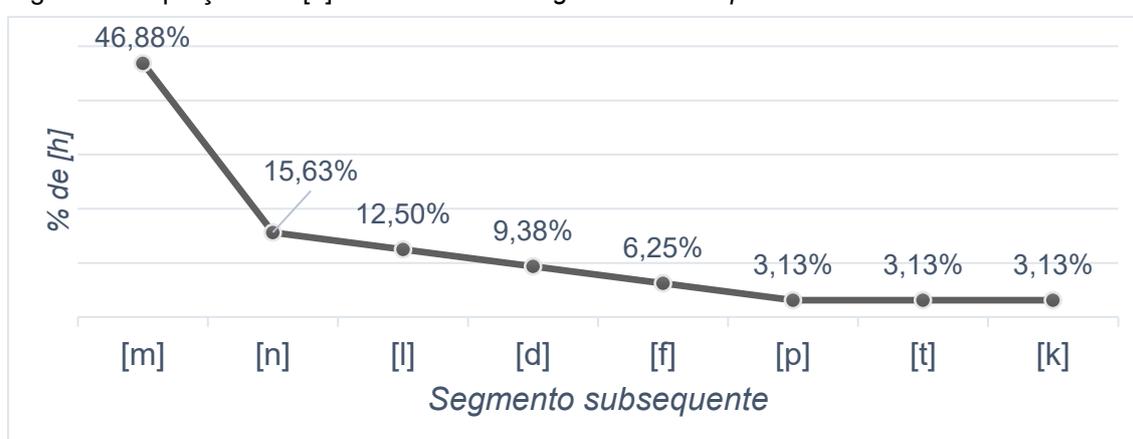


Fonte: elaborado pelo autor.

Considerando a distribuição de [h] por modo de articulação do segmento subsequente, consoantes nasais são imediatamente seguidas de oclusivas, laterais e fricativas. Vemos, assim, que a debucalização, à primeira vista, não respeita a escala de sonoridade obstruinte > nasal > líquido > vocoide, uma vez que as proporções de ocorrência organizam as classes de segmentos independentemente desse tipo de ranqueamento. Além disso, o processo não é registrado diante de pausa, fato que parece corroborar a interpretação de que a aspiração pode ser desencadeada por gatilho segmental de alguma natureza.

Entretanto, apesar da aparente aleatoriedade acima mencionada em relação ao nível de sonoridade dos grupos de segmentos seguintes a [h], quando observada a distribuição da variante glotal diante de cada um dos segmentos integrantes dos grupos articulatorios, visualizamos a possibilidade de reagrupá-los em função de sua soanticidade. Como ilustra a Figura 2, por essa ótica, é a consoante lateral [l] que assume o posicionamento mais alto após o das nasais. Assim, parece ser possível congregá-las analiticamente no grupo de segmentos [+soante], em oposição às oclusivas e fricativas, que são [-soante].

Figura 2: Proporções de [h] de acordo com *segmento subsequente*



Fonte: elaborado pelo autor.

O resultado da modelagem estatística exibido na Tabela 1 reflete a distribuição dos dados, uma vez que aponta o favorecimento de [h] diante de consoante [+soante], comparativamente ao contexto seguido de segmento [-soante]. Essa interpretação é inferida da soma da estimativa corresponde a [-soante], -2.03, à do *intercept*, -0.24, que tem um resultado negativo na escala de *logodds*<sup>7</sup>: -2.27.

Tabela 1: Resultados do modelo para o predictor *contexto subsequente [soante]*

	<i>Estimate</i>	<i>Standard error</i>	<i>p-value</i> < 0.05 = *
Intercept	-0.24	0.43	0.58
<i>Contexto subsequente</i>			

<sup>7</sup> A interpretação dos demais resultados do modelo de regressão é realizada por esse mesmo processo de soma de estimativas dos níveis das variáveis independentes (*slopes*) à do *intercept* ( $\beta_0$ ). Adiante, na interpretação das tabelas, faremos menção diretamente ao resultado de tal operação, o coeficiente angular, referenciado como  $\beta_1$ . Uma vez que a unidade de  $\beta_1$  é medida em *logodds*, resultados acima de 0 indicam favorecimento e, abaixo de 0, desfavorecimento.

[+soante] (ref.)			
[-soante]	-2.03	0.53	0.000139*

Fonte: elaborado pelo autor.

Mota (2002), em descrição da fala de Salvador, também parte da oposição *soante x não soante* para interpretação de seus dados. A autora, contudo, identifica que  $C_{[+soante]}$  e  $C_{[-soante]}$ , nessa variedade, têm efeitos comparáveis no favorecimento da produção [h], quando as  $C_{[-soante]}$  são [+voz]. Similarmente, Dias da Silva (2014), em descrição da debucalização de /S/ na fala de Vitória da Conquista (BA), indica a soanticidade do segmento seguinte como fator relevante para o processo, uma vez que, em sua análise, [h] ocorre mais produtivamente quando seguido de  $C_{[+soante]}$ . O autor acrescenta, em conformidade com o que descreve Mota (2002), que a forma aspirada é favorecida em contexto /S/ +  $C_{[+voz]}$ . Em nossa análise da fala mipibuense, contudo, o valor do traço [voz] do segmento subsequente a [h] foi excluído do modelo estatístico pela regressão *stepwise*, marcando uma possível diferença entre os condicionamentos em atuação nos dialetos comparados<sup>8</sup>.

Ainda no que diz respeito à caracterização do contexto fonológico seguinte, a debucalização em São José de Mipibu parece se diferenciar do que Roncarati e Uchoa (2014) descrevem sobre o falar da zona urbana de Fortaleza. Nessa comunidade, não parece ser possível agrupar os sons que engatilham a aspiração de /S/ a partir do traço [soante], tendo em vista que, entre os segmentos mais favorecedores do fenômeno, figura a obstruinte não contínua /d/ (P.R. .81), atrás apenas das soantes /l, n/ (P.R. .84 e .83) e à frente da nasal labial /m/ (P.R. .72). Nesse caso, assim como descrito para as cidades baianas supracitadas, o traço [+voz] parece exercer fundamental influência na promoção do processo, por ser o único comum a todos os segmentos envolvidos.

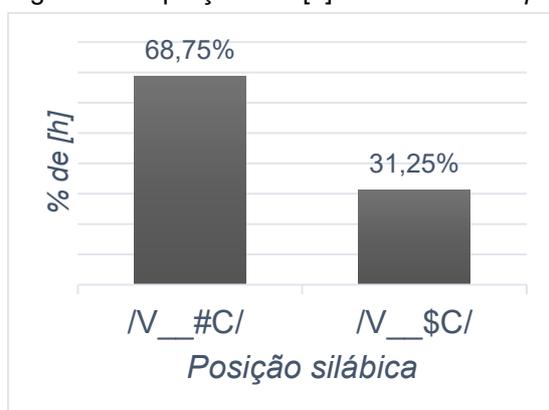
A partir das comparações entre nossos resultados e os dos estudos mencionados, observamos que, mesmo dentro dos limites geográficos do Nordeste, na avaliação de três comunidades diferentes (São José de Mipibu, Vitória da Conquista e Fortaleza), são identificadas semelhanças e diferenças quanto aos fatores condicionantes de um mesmo processo fonético-fonológico. Além disso,

<sup>8</sup> A relação entre os traços [±soante] e [±voz] na promoção da debucalização de /S/ parece ter explicação na estrutura autosegmental dos sons, uma vez que segmentos [+soante] – aqueles que promovem a debucalização mais produtivamente – estão sujeitos ao vozeamento espontâneo (Ladefoged, 1975).

parecem ser identificados uma reorganização e certo avanço dos grupos de segmentos favorecedores do fenômeno no RN, em comparação à descrição da fala de Natal feita por Pessoa (1986).

Os resultados para a variável *posição silábica* também fornecem evidências que suportam a hipótese de que a debucalização de /S/ tem condicionamento de nível segmental. A análise das proporções na Figura 3 indica que [h] não ocorre diante de pausa, isto é, em sílaba final absoluta. A perda de articulação oral de /S/ só é registrada quando a fricativa é seguida de consoante no *onset* da sílaba seguinte.

Figura 3: Proporções de [h] de acordo com *posição silábica*



Fonte: elaborado pelo autor.

A Figura 3 ainda demonstra que [h] é mais produtivo em ambiente de juntura (ex: *vário[h] nome[ø]*), comparativamente ao ambiente interno (ex: *bi[h]naga*). Esse fato é capturado também pelo modelo estatístico na Tabela 2, em que é possível visualizar o favorecimento da posição /N\_#C/ sobre /N\_\$/C/ ( $\beta_1 = -2.8$ ). Já o tamanho do efeito da posição /N\_#/ é o mais desfavorecedor entre as três posições consideradas ( $\beta_1 = -19,49$ ), embora esteja acima do nível de significância ( $p > 0.05$ )<sup>9</sup>.

Tabela 2: Resultados do modelo para o predictor *posição silábica*

	Estimate	Standard error	p-value < 0.05 = *
Intercept	-0.24	0.43	0.58
<i>Posição silábica</i>			
/N_#C/ (ref.)			
/N_#/	-19.25	2.74	0.99

<sup>9</sup> A categoricidade das realizações alveolares diante de pausa /N\_#/ não foi suficiente para que o programa apontasse o tamanho do efeito apresentado como estatisticamente significativo. Esse fato, no entanto, pode ser devido ao tamanho limitado da amostra.

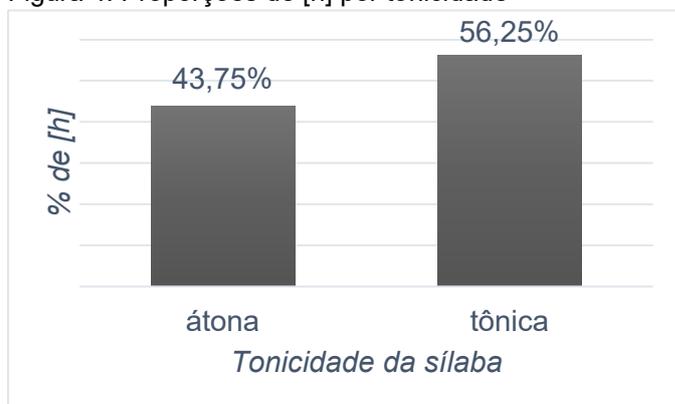
$/V\_ \$C/$	-2.56	0.75	0.000679*
-------------	-------	------	-----------

Fonte: elaborado pelo autor.

Nossa análise dessa variável revela, tanto do ponto de vista proporcional quanto do inferencial, comportamento semelhante entre a posteriorização de /S/ no RN e na cidade de Salvador (Lucchesi, 2009). Nessa localidade, há uma maior proporção de ocorrência da variante [h] em posição de sílaba final seguida de consoante. O favorecimento de [h] no contexto  $/V\_ \#C/$  representa, ainda, uma novidade em comparação ao estudo de Pessoa (1986) sobre a fala natalense, uma vez que a autora registra maiores proporções de ocorrência de [h] em contexto interno à própria palavra, sem caracterização de juntura.

Passemos à análise do efeito da variável *tonicidade* em nossa amostra. A Figura 4 demonstra uma pequena diferença proporcional entre realizações glotais em posições tônica e átona. Tal diferença é considerada estatisticamente significativa pelo modelo de regressão, cujos resultados para a variável em discussão são exibidos na Tabela 3.

Figura 4: Proporções de [h] por tonicidade



Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 3: Resultados do modelo para o predictor tonicidade

	<i>Estimate</i>	<i>Standard error</i>	<i>p-value</i> < 0.05 = *
Intercept	-0.24	0.43	0.58
<i>Tonicidade</i>			
Sílaba átona (ref.)			
Sílaba tônica	3.19	0.74	1.58e <sup>-05*</sup>

Fonte: elaborado pelo autor.

Os resultados da tabela indicam o favorecimento de [h] em contexto de sílaba tônica ( $\beta_1 = 2.95$ ), em consonância com a pequena vantagem quantitativa ilustrada pelo gráfico de proporções. Resultado semelhante é também identificado nos trabalhos de Mota (2002) e Lucchesi (2009) sobre a fala de Salvador, em que são registrados P.R. entre .67 e .70 em ambiente [+acento]. Portanto, esse fenômeno, especificamente, parece superar a resistência à variação normalmente identificada em sílabas acentuadas.

Por fim, discutimos os resultados referentes à única variável extralinguística selecionada para integrar o modelo: *nível educacional*. As proporções na Figura 5 sugerem a maior rentabilidade da perda de articulação oral de /S/ na fala indivíduos com menor nível de escolaridade.

Figura 5: Proporções de [h] de acordo com *nível educacional*



Fonte: elaborado pelo autor.

O resultado acima é corroborado pela análise estatística disposta na Tabela 4, que indica o desfavorecimento da realização glotal na fala de indivíduos com nível superior de ensino ( $\beta_1 = -2.22$ ). É possível, portanto, que a produção aspirada seja alvo de estigma na comunidade e, por isso, evitada pelos falantes mais escolarizados. Situação análoga é descrita por Auler (1992), em análise de tempo real de curta duração da fala do Rio de Janeiro. A autora identifica que a produção aspirada tende a perder produtividade conforme os informantes avançam em seu nível de escolarização e/ou ingressam no mercado de trabalho, sugerindo, assim, interferências extralinguísticas sobre a produtividade do fenômeno. Nossos resultados a respeito da escolaridade, contudo, devem ser lidos com especial relativização, pois

carecem de confirmação em uma amostra que isole adequadamente essa mesma variável.

Tabela 4: Resultados do modelo para o previsor *nível educacional*

	<i>Estimate</i>	<i>Standard error</i>	<i>p-value</i> < 0.05 = *
Intercept	-0.24	0.43	0.58
<i>Nível educacional</i>			
Fundamental (ref.)			
Superior	-1.98	0.58	0.000639*

Fonte: elaborado pelo autor.

#### 4 Conclusão

Este trabalho apresenta descrição preliminar da debucalização de /S/ na fala de uma comunidade potiguar: a cidade de São José de Mipibu. A análise dos dados de que partimos sugere o favorecimento da realização glotal diante de segmentos [+soante], em posição de sílaba tônica, e em sílaba final de palavra diante de consoante (padrão /V\_\_#C/). Há, também, indícios de que a posteriorização pode ser mais produtiva na fala de indivíduos menos escolarizados.

Embora alguns comportamentos distintos sejam identificados entre as diferentes comunidades comparadas ao longo da análise – sobretudo no que diz respeito à influência do contexto fonético seguinte –, no geral, os resultados para a fala de São José de Mipibu convergem com o que a literatura já descreve sobre a debucalização de /S/ em outras cidades brasileiras. No entanto, algumas perguntas ainda precisam ser respondidas:

1. em que medida a debucalização no RN está espalhada para contextos de C<sub>T</sub>-soante]?
2. qual é o status da debucalização em posição C<sub>1</sub> ([ʒ]ente ~ [h]ente, [v]amos ~ [h]amos) na fala potiguar?
3. a perda de articulação oral é igualmente condicionada, independentemente da posição na estrutura silábica (*onset* ou *coda*) e do segmento alvo do processo (/S/, /s/, /z/, /ʒ/, /v/)?

4. quão dependente ou independente esse processo é em relação ao item lexical em que ocorre?
5. qual é o papel da faixa etária na implementação do fenômeno?
6. diferenças distributivas da produção [h] são estabelecidas no contínuo interior-metrópole do RN?

As respostas para essas perguntas dependem da constituição de *corpora* mais amplos e representativos da fala de outras cidades potiguares, esforço atualmente em desenvolvimento no âmbito do projeto ALinP. Futuramente, essas respostas e a validação (ou não) dos resultados deste trabalho serão buscadas a partir da análise desse novo conjunto de dados.

#### **PRELIMINARY STUDY ON /S/ DEBUCALIZATION IN A SPEECH COMMUNITY FROM RIO GRANDE DO NORTE - BRAZIL**

**Abstract:** This paper aims to describe the linguistic and social factors that govern the variation between alveolar and glottal forms of post-vocalic fricative /S/ in the speech of São José de Mipibu City, located in the Brazilian state of Rio Grande do Norte. The analysis is based on the theoretical assumptions of Sociolinguistics (Weinreich, Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]; 1994; 2001) and Autosegmental Phonology (Goldsmith, 1990), specifically on Feature Geometry (Clements; Hume, 1995). The set of data analyzed comes from the project Description of Natural Languages – Portuguese: variant forms of the archiphoneme /S/ in the potiguar speech community. Data on alveolar and glottal realizations of /S/ were subjected to logistic regression models built on the R platform, in order to explain the most productive variables for the analysis of the phenomenon. The results demonstrated that glottal articulation of /S/ is favored by adjacent segments with the feature [+sonorant], in the position of a stressed syllable and in the final syllable of a word in front of a consonant (pattern /V\_\_#C/). There is also evidence that posteriorization may be more productive in the speech of individuals with lower levels of education, in accordance with what the literature already identifies in the description of other communities.

**Keywords:** debucalization; sociolinguistics; phonology.

#### **Referências**

AULER, M. A difusão lexical num fenômeno de aspiração no português. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 43-51, 1992. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/950>. Acesso em: 09 out. 2023.

CARDOSO, S. A. M. S.; MOTA, J. A.; AGUILERA, V. A.; ARAGÃO, M. S. S.; ISQUERDO, A. N.; RAZKY, A.; MARGOTTI, F. W. *Atlas linguístico do Brasil*. Londrina: EDUEL, 2014.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, p. 245-306, 1995.

CUNHA, C. M.; SALES, G. Produção do /S/ pós-vocálico em São José do Mipibu-RN. *Revista do GELNE*, Natal, v. 22, n. 2, p. 78-92, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/19297>. Acesso em: 02 dez. 2023.

DIAS DA SILVA, J. J. *A debucalização e a teoria fonológica*. 2014. 88 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014. Disponível em: <https://repositorio.cepelin.org/index.php/repositorioppglintesesdissertaco/article/view/41>. Acesso em: 09 out. 2023.

FURTADO DA CUNHA, M. A. *Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Banco de dados escritos. Disponível em: <https://deg.uff.br/corpus-dg/>. Acesso em: 02 dez. 2023.

GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

LABOV, W. *Principles of linguistic change, volume 1: internal factors*. Massachusetts: Wiley-Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Principles of linguistic change, volume 2: social factors*. Massachusetts: Wiley-Blackwell, 2001.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LUCCHESI, D. A realização do /S/ implosivo no português popular de Salvador. In: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. *Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 83-110. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/6578>. Acesso em: 09 out. 2023.

LADEFOGED, P. *A course in phonetics*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1975.

MOTA, J. A. *O -s em coda silábica na norma culta de Salvador*. 2002. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

OLIVEIRA, E. V. M.; BARBOSA, J. W. A. A influência da nasalização na posteriorização de fricativas vozeadas no dialeto alagoano. *Revista Signos*, Lajeado, v. 42, n. 2, p. 178-195, 2021. Disponível em: <http://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/2944>. Acesso em: 09 out. 2023.

OLIVEIRA, E. V. M.; SANTOS, M. T. R. Variantes sociolinguísticas e a posteriorização das fricativas vozeadas em Alagoas. *Filologia e Linguística portuguesa*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 41-53, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/168612>. Acesso em: 09 out. 2023.

PEREIRA, M. N. *Atlas geolinguístico do litoral potiguar*. 2007. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://alib.ufba.br/atlas-geolinguistico-do-litoral-potiguar-aliptg>. Acesso em: 09 out. 2023.

PESSOA, M. A. F. C. O s pós-vocálico na fala de Natal. In: *I Simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil*. Salvador: UFBA, 1986.

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. Versão 4.2.1. Vienna, Austria: R Foundation for Statistical Computing, 2022. Disponível em: <https://www.R-project.org/>. Acesso em: 05 jun. 2023.

RONCARATI, C. N.; UCHOA, J. A. C. Enfraquecimento das fricativas sonoras na fala do Ceará. *Revista de Letras*, n. 33, v. 1, p. 9-50, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/15945>. Acesso em: 09 out. 2023.

SILVA, M. B. *Atlas linguístico do centro-oeste potiguar*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8253>. Acesso em: 09 out. 2023.

TAVARES, M. A.; MARTINS, M. A. O banco de dados FALA-Natal: uma agenda de trabalho. In: FREITAG, R. M. K. *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*, São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. p. 71-78.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

*Recebido em 21/10/2023*

*Aceito em 21/06/2024*

*Publicado em 28/06/2024*